

# Educação sexual para surdos

---

---

*Gisele Morisson Feltrini\**

## **Introdução**

**O** enfoque deste artigo é a educação sexual do surdo no ambiente escolar. Entretanto, haja vista a especificidade do sujeito em questão, as questões de ordem lingüística e cultural constituem aspectos essenciais a serem considerados.

A ausência de um marco teórico sistematizado e a carência de uma comunicação efetiva para o surdo inserem-no numa educação sexual com uma variedade de modelos e concepções, discursos, posturas ideológicas, filosofias e valores, termos e vocabulários que não se fazem compreendidos.

Em virtude da necessidade de uma metodologia adaptada à realidade dos surdos, à escola é dada uma total responsabilidade, visto que a maioria dos surdos é filho de pais ouvintes e não desfrutam uma comunicação coerente e adequada na família. As oportunidades de conhecimento sócio-político-cultural do mundo podem ser severamente reduzidas, ficando eles privados de muito conhecimento comum (leitura do mundo), que inclui educação sexual.

Diante disso, é impossível pensar em ações educativas de qualidade para o surdo que não mantenham como premissa a valorização da língua de sinais como modelos de identidade no processo de formação global do surdo.

## **Fundamentação teórica**

As bases teóricas em que este artigo se fundamenta são: o modelo relacional de educação sexual, de Martinez e Pascual (1998); e a educação bilíngüe-bicultural de surdos, proposta por Quadros (1997) e Skliar (1998).

A educação bilíngüe envolve, no caso de surdos brasileiros, a aquisição da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como primeira língua, e da Língua Portuguesa, como segunda língua.

---

\*SEEDF — Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

A biculturalidade considera o surdo como pertencente a duas culturas: a comunidade surda e a comunidade na qual ele está inserido, no caso, a comunidade brasileira, assegurando a identidade e a cultura surdas que são transferidas naturalmente.

O modelo relacional de educação sexual concebe a sexualidade humana como uma dimensão da pessoa, inerente ao ser humano, e que deve ser cultivada e potencializada de forma personalizada, consciente e responsável, promovendo o prazer, a relação interpessoal e a convivência.

### **A sexualidade humana**

O modo particular de cada um viver o seu gênero, masculino ou feminino, constitui a sexualidade humana, e esta, quando concebida de forma saudável, consciente e equilibrada, conduz à plena realização da pessoa humana. Distante disso, está a sexualidade vivida sem orientação, com irresponsabilidade, deturpação e inversão de valores, que desequilibra o ser, repercutindo suas conseqüências devastadoras na família e na sociedade, como: gravidez indesejada, incidência de doenças sexualmente transmissíveis, violências, abusos sexuais, dissolução da família etc.

A sexualidade, como a afetividade, o caráter ou a personalidade, é um aspecto essencial da pessoa, do qual não se pode, fundamentalmente, prescindir no momento de se estabelecer um programa educativo integrador que não leve em conta apenas a instrução, mas a formação do indivíduo.

Para tanto, a sexualidade deve compreender a pessoa como ser integral, em todas as suas dimensões: psicológica, afetiva, social, cultural, ética, religiosa, higiênico-sanitária e somática. Esta última encerrando a genitalidade reprodutora, erótica e relacional. Assim, a sexualidade não pode ser reduzida a uma dimensão, pois ela engloba uma série de aspectos muito superior à resposta biológica. Partindo-se dessas múltiplas perspectivas, tem-se uma educação integral que reproduz a realidade da pessoa humana, sem incorrer no risco de fragmentá-la.

## O papel da escola

As questões sexuais são, em parte, de cunho social, e, numa época de rápidas transformações da sociedade, a educação sexual é parte importante do aprendizado da vida social. Converte-se em elemento integrante da saúde da família e da coletividade, pois discute problemas como as relações familiares e conjugais, a melhora da assistência materno-infantil, o tratamento das doenças sexualmente transmissíveis, o trabalho e a vida social (Martínez e Pascual, 1998). As rápidas transformações decorrentes do processo de globalização — ocasionando o estreitamento do tempo e do espaço, como, por exemplo, a enorme variedade de informações divulgadas a todo instante pelas redes de TV internacionais e pelos meios eletrônicos de comunicação — têm sido responsáveis por novos modos de pensar. E, como é difícil para os surdos compreender o que está acontecendo à sua volta, já que, no âmbito familiar, em sua grande maioria, não há quem lhes explique o noticiário da TV ou mesmo o porquê de uma risada à mesa, eles ficam, muitas vezes, à mercê da ignorância.

Nesse contexto, a escola certamente desempenha um papel importante no desenvolvimento do surdo, tendo-se em mente o fato de que as escolas são instituições socialmente justificáveis como espaços de construção de conhecimento e aprendizagem.

Assim sendo, focalizar o olhar em direção à prática educacional que envolve sujeitos surdos pode revelar-se muito interessante, já que abre uma perspectiva de discussão perante certas peculiaridades que podem trazer contribuições importantes para a reflexão dos múltiplos papéis da instituição escolar.

Vizolto (1997) pontua que a educação sexual nas escolas não deve constituir-se numa disciplina, tampouco se constituir em palestras esporádicas ou atividades eventuais, mas deve ser uma ação pedagógica sistemática, com espaço no currículo, permeando todas as disciplinas ou áreas de estudo.

Como tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN (1997), a educação sexual começa a ser assumida pelos educadores, ou seja, um dos temas transversais dos PCNs, para o ensino fundamental, é a sexualidade. É importante mencionar o valor de esse tema ser desenvolvido desde cedo na criança e de acordo com seu nível de maturidade.

## Modelo de educação sexual

No momento de se iniciar a educação sexual, é preciso considerar seus vários modelos, palco de novas atitudes e reinterpretações passadas. O educador sexual deve respeitar a todas as concepções da pessoa e deve defender a educação sexual para todos, supondo a pessoa de cada um. Observando que os vários modelos que permeiam nossa sociedade, durante anos, estão enraizados em cada um de nós, seria pretensiosa uma mudança de ótica de forma radical. Por isso, a educação sexual consiste mais em formação, construção; que em mero repasse de conteúdo ao aluno.

Traduzindo os modelos que, com maior ou menor força, continuam exercendo influências no seio da sociedade atual, nos deparamos com atitudes permissivas, contrapondo as atitudes repressivas.

O modelo relacional de educação sexual entende a sexualidade como um valor da pessoa, no qual a atitude sexual não deve ser nem a repressão, nem a permissividade, e sim a aceitação, a vivência e o desenvolvimento da sexualidade como realização.

Os princípios que norteiam esse modelo são:

- admitir a pessoa humana como ser sexuado. O sexo pertence à pessoa, que não são realidades independentes, e este constitui um valor, uma dimensão da pessoa que deve ser cultivada a expressar-se como ser masculino ou feminino;
- respeitar as diferenças pessoais, valorizando o ser humano, e não o sexo masculino ou feminino;
- possibilitar a formação de atitudes positivas e conscientes (construção de conhecimentos, valores e formação de identidade) em relação à sexualidade humana, desassociando-a dos estigmas impostos de caráter proibitivo e permissivo;
- considerar a comunicação interpessoal como a base do relacionamento humano (relação homem — mulher como um processo em que as experiências são vividas e compartilhadas);
- combater a linguagem pejorativa e sexista, substituindo-a pela linguagem científica;
- valorizar a qualidade de vida humanizada, equilibrada, agradável, feliz; e
- optar pelo conhecimento, em vez do julgamento e da norma.

## Considerações em torno do modelo relacional para a educação de surdos

O objetivo geral da educação sexual é possibilitar ao educando a integração personalizada da sua dimensão sexual, de forma harmoniosa, positiva e gratificante, favorecendo o seu crescimento e bem-estar no âmbito das relações com os demais, e consigo mesmo, conforme dossiê ISOF (2001).

Pensando no contexto dos surdos, o educador deve propiciar condições de acesso às informações e promover sua valorização, auto-estima e autoconhecimento, o que possibilita ao surdo assumir e aceitar sua identidade. É preciso também desenvolver os objetivos favorecendo a compreensão dos temas, uma vez que, no que se refere ao surdo, é difícil para o educador saber como a informação foi processada em nível de entendimento. Assim, é preciso explorar um pouco mais a interação comunicativa, as oportunidades de expressão de idéias, de pensamentos e de hipóteses sobre suas experiências para o processo de compreensão e construção de conhecimentos e valores.

Podemos sintetizar os aspectos relevantes para a educação sexual dos surdos em alguns pontos principais:

- LIBRAS — Língua Brasileira de Sinais, língua que constitui o veículo de interação social e cultural da comunidade surda;
- bilingüismo: focaliza as línguas envolvidas no contexto dos surdos no Brasil: a LIBRAS e a língua portuguesa;
- biculturalidade: considera o surdo como pertencente a duas culturas: a comunidade surda e a comunidade ouvinte;
- identidade/cultura surda: promove a valorização da comunidade surda, o estímulo, a formação e a aceitação da identidade surda;
- modelo relacional: assume a sexualidade humana como uma dimensão da pessoa; e
- eixo família — escola — sociedade: a escola (professores, direção e funcionários) deve estar preparada para se adequar à realidade e apresentar coerência diante do aluno e da sua família. A família deve conhecer a proposta bilíngüe-bicultural e o programa de educação sexual, para engajar-se e também assumir o seu papel de forma apropriada.

Com base nesses pressupostos, é possível elaborar um programa de educação sexual para o surdo. Entretanto, a situação atual da educação sexual para surdos, no Brasil, apresenta alguns impasses:

- inexistência da educação sexual, no contexto da educação institucional brasileira;
- ausência de profissionais surdos atuando nas escolas ;
- falta de profissionais com formação especializada e idônea na área da educação sexual;
- professores ouvintes que não são fluentes na LIBRAS atuando no processo educacional;
- escassez de material pedagógico em sinais;
- falta de planejamento, avaliação e reflexão constante do processo educacional com a participação de profissionais surdos; e
- necessidade de elaboração de um currículo educacional com base na LIBRAS, incluindo a educação sexual, e que esteja em consonância com a cultura da comunidade surda brasileira.

## Referências bibliográficas

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, vol. 10, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais e ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FIGUEIREDO, J.M. **Dossiê: programa de formação de especialistas em Educação Sexual, 2001** (manuscrito não publicado).
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.
- GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.
- INES/DIESP. **Seminário Surdez, cidadania e educação: refletindo sobre os processos de exclusão e inclusão**. Rio de Janeiro: organização INES/Divisão de Estudos e Pesquisas, 1998.
- LACERDA, C. B. F. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº 50, abril de 2000.
- MARTINI, N. de. **Sexualidade: perguntas e respostas**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARTÍNEZ, T. P. e PASCUAL, C. P. **Compreender a sexualidade para uma orientação integral**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Revista Presença Pedagógica, maio/junho de 2001.
- Revista Nova Escola. Entrevista: C. Sanchez, Editora Abril Cultural, 1993.
- SANCHEZ, C. Entrevista. In: Revista Nova Escola, 1993.
- SKLIAR, C. (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2 ed., São Paulo: Fontes, 1989 a.

---

*Em Taguatinga-DF, no período de 1994 a 2004, o programa Surdo-Educador da Secretaria de Educação formou professores surdos para atuarem junto às crianças surdas.*

